

15-08-2022

Quando a vida se vai....

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Confesso que fico indeciso em relação ao que escrever nessa Coluna. Coluna essa, que já ocupa lugar cativo nos corações de todos os columnistas e dos leitores assíduos. A indecisão se justifica pelo fato de presenciar quase que diariamente situações de pacientes que estão na fronteira entre a vida e a morte, pessoas que estão se despedindo da vida, pessoas que talvez não entenderam o seu elã, ou se entenderam, por questões mil, foram atropeladas por ela. Os esfacelos e descontentamentos das vidas dos pacientes que tenho a oportunidade de cuidar me atravessam visceralmente. São apostas em pessoas erradas, em projetos insustentáveis, desejos irrealizáveis... Eles esqueceram por algum motivo que não temos todo tempo do mundo, e que, temos mais passado do que futuro. Me faz lembrar muito do poema “O Valioso Tempo dos Maduros” de Mario de Andrade, cuja autoria é controversa (veja), quando ele se refere ao menino com uma bacia de jaboticabas ou de cerejas que quando percebe que está no final, róí até o caroço. Tudo bem, claro que encontro pessoas com vidas virtuosas, bem vividas, memoráveis e com constituição de legados exemplares, dignas de ser vividas, mas são raras às vezes que topo com elas! Geralmente são pessoas mais idosas e conscientes de que vieram para essa existência com um propósito, com uma missão. É raro encontrar uma pessoa que conheça e reconheça a sua missão com a sagrada humanidade. Humanidade num sentido mais amplo, multidimensional, que garanta ao ser humano a sua essencialidade e diversidade, diferentemente daquela noção universal abstrata dos tratados ocidentais de direitos humanos. Claro que sou sacolejado a cada encontro, a cada visita domiciliar, em cada casa, em cada relato.

Tento acompanhar atentamente as estratégias mentais desenvolvidas por essas pessoas que estão no limite da vida.

São estratégias impressionantes para se agarrarem à vida, para continuarem a participar do seu movimento, dos seus sabores e de suas impermanências. Por que não valorizar tudo isso antes?

Por que não considerar a brevidade da vida e suas nuances?

Por que crer na crença que sempre vai existir o amanhã, o depois? Por que não falamos o quanto amamos o Outro enquanto é tempo? Por que temos que renegar o amor, o carinho, a esperança, a delicadeza, sem ter nenhuma certeza de que teremos tempo para nos conciliar com esses constituintes de uma vida boa, ainda nessa existência? Isso é muito louco! Busco entender os estratégias do território mental tão intempestivo e volátil na construção de tantas incertezas, de falsas crenças, simulacros e ultimamente de tantas lacrações... Quando se está gravemente enfermo, uma parte da vida se vai com o marido que quem um dia ele jurou ser a sua parceira de vida, a sua alma gêmea.

Uma parte da vida se vai com a mulher que esperou o homem amado por anos a fio, mas só que não contava que os anos esperados por seu desejo poderiam lhe surpreender com a entrega do seu amor doente e ela não saber substituir o amor pelo cuidado que ele necessitava. Uma parte da vida se vai pela espera do amigo que não vem ou se foi sem motivos compreensíveis, quando a irmã caçula não tem tempo para dar banho no domingo na irmã mais velha paraplégica, no único dia em que ela não tem cuidadora, uma vez que seus pais são idosos e não têm condições físicas e nem de relação íntima para ação tão particular. Uma parte da vida se vai quando os filhos não têm tempo para se dedicar aos cuidados dos pais que passaram a vida toda em prol da realização desses filhos, na esperança fantasiosa de um reconhecimento ou de uma expressão de gratidão deles! A vida se vai, e vai com impulso e determinação para a finitude, para sua concretização, para a finalização do ato teatral nesse palco terreno, único e possível, dentro do nosso parco entendimento sobre sua manifestação. Mesmo assim, procuramos parar a ampulheta do tempo, torcendo no final da vida por alguma outra forma de permanência, de continuar nela independentemente da vida que se levou, porque na verdade ninguém quer morrer, ninguém quer desaparecer de “fininho”, no ‘sapatinho”, como dizia meu amigo Renato Bonfatti, em suas aulas memoráveis de Filosofia da Morte, no curso de atualização em cuidados paliativos do Departamento de Direitos Humanos da Ensp/Fiocruz.

Que saudades de você, Renatex! O mais interessante é quando você tem consciência de que, para além da vida ir, ela está te levando.

Fico imaginando o fato de conviver no corpo, no dia a dia, com aquilo que está minando a vida. É claro que viver hoje é conviver cada vez mais com fatores que ameaçam perigosamente a vida.

Mas, todas estas coisas podem ficar na ordem da possibilidade, paralelo a você, e um dia, quem sabe te almejar, essa é a nossa crença. Na doença não, ela está ali a todo tempo mexendo com sua fantasia de morte... A vida se vai mais depressa ainda quando a doença não responde mais às propostas curativas, e que por conveniência se infiltra no corpo e filtra as energias pelo simples fato de satisfazer às suas necessidades de sobrevivência, num verdadeiro banquete comensal destrutivo. A vida se vai quando se quer mais vida, quando ainda não se terminou o projeto do estudo ou do emprego, quando ainda não se encontrou a pessoa amada, quando não se tem o filho desejado, ou quando o filho sonhado não é nada daquilo que sua ilusão criou, ou quando a vida solitária e independente que se idealizou não se realiza no mundo material...

Terminantemente, a vida se vai quando não se valoriza o que se conquistou ao longo dela ou quando inadvertidamente buscamos o sucesso em detrimento da felicidade. Parafraseando Serginho Meriti, em um grande sucesso gravado por Zeca Pagodinho, faço torcida para que todos levem uma vida leve, significativa e recheada de sentidos. Para tanto, insistiremos no refrão:

“... *deixa a vida me levar, vida leva eu, deixa a vida me levar, vida leva eu...*”

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.